

PEDAGOGIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: A REVISÃO DO PARADIGMA EDUCACIONAL

2011

Pedro Remiz

Estudante no curso de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal

Email:

sophiasheir@gmail.com

RESUMO

Este artigo foi escrito com vista aos comentários feitos pela doutora Paula Pimentel no programa 'labirintos da vida'. O ensaio aborda a pedagogia e a filosofia da educação, no intuito de escrutinar a relação entre o sujeito e o objecto de conhecimento. Faz igualmente alusão às motivações que impulsionam um determinado individuo a ter necessidade de aprendizagem e o que realmente se torna efectivo como conhecimento ou credo a nível pessoal. É inerente ao artigo, uma crítica à metodologia adoptada actualmente no sistema de ensino. Originalmente estaria previsto o envio deste ensaio para o instituto de psicologia NUPE, como sugestão à revisão da abordagem pedagógica no ensino corrente.

Palavras-chave: Educação, psicologia, pedagogia, filosofia da educação, escola, paradigma educacional, prazer, interesse, utilidade, realização pessoal, memética, sistema, parâmetros de identificação, memória de trabalho, aluno, sentido, criança, agressão, coação

BASES

A doutora refere de forma pertinente como é crucial a existência de bases para uma compreensão mais acurada de certas disciplinas que só podem ser enraizadas no nosso entendimento, se a existência destas, for fomentada no individuo através de matéria puramente elementar. Concordo plenamente com esta asserção, sendo que e efectivamente o sujeito só terá capacidade de se relacionar confortavelmente com um determinado objecto de estudo, se isto for realmente incrementado progressivamente desde a sua substância mais básica sem saltar etapas até ao seu carácter de teor mais complexo.

A minha rectificação a esta observação, é direccionada no âmbito de enunciar outros factores fulcrais na aquisição de um saber, já que, antes de ponderarmos incutir numa criança este tipo de formação específica, terão de ser tomadas em consideração perspectivas indispensáveis a uma educação realmente eficaz.

PARÂMETROS DE IDENTIFICAÇÃO

Para que as bases de certas disciplinas nos possam serem impostas como relevantes, tem que haver capacidade de recepção por parte do auditório, para que estas sejam percebidas como algo passível de ser identificável e, posteriormente haver efectivamente margem para o progresso. A vida no seu cerne, baseia-se essencialmente na identificação de parâmetros existentes estabelecidos que admitem a possibilidade de viver de acordo com um mundo objectivo, normativo e padronal. Tenciono com isto afirmar, que antes de nos preocuparmos em prover bases aos nossos estudantes na tentativa de lhes conceder a oportunidade de se formarem sem deficiências, necessitamos previamente, de nos preocupar em entender se estes estudantes em última instância, terão ou não valências potenciais para aprender a lidar com uma determinada área específica a leccionar. Por outras palavras a articulação das ideias que nos formam enquanto indivíduos instituíveis dos mais variados estatutos, não pode ser formatada numa tábua rasa e é considerável, como conseguimos ser altamente coniventes relativamente a este ponto. As referidas bases que enalteceamos como indispensáveis à vida humana só poderão ser recebidas, se existirem à priori relações intelectuais e empíricas que nos permitam realmente abarca-las. Podemos perceber doravante em Portugal – como exemplo -, em que tipo de meio é que estamos confinados desde que nascemos, até procedermos ao acesso escolar. Será que os ensinamentos que vamos cristalizando no nosso inconsciente desde que nascemos como credos que nos guiam pela vida, serão consistentes com aqueles que recebemos no âmbito escolar? É notável, como o meio em que habitamos influencia de forma extraordinária as nossas aptidões. E em jeito irónico pergunto-me se será possível em Portugal, termos uma formação consistente de grandes matemáticos, se os grandes charcos culturais onde as nossas crianças proliferam, são inundados de Benfica, Tardes da Júlia e da vida da senhora Odete. Teremos presente uma metodologia de carácter puramente científico que visa respeitar a natural incrementabilidade das ocorrências que trazem até o sujeito em particular, o que é cognoscível? Qual é a consideração que temos pela mundividência que coloca o sujeito aprendiz no mundo? Entendendo que como entidades competentes responsáveis nos concerne tratar do futuro de um determinado sujeito, deveremos nós ignorar as suas apetências em prol do que parcialmente pensamos ser necessário?

O INTERESSE, A BUSCA DO PRAZER, O SENTIDO, A UTILIDADE E A REALIZAÇÃO PESSOAL.

Ponderando sobre as questões deixadas a cima, começo por abordar outros tópicos que são imergentes reter na nossa consciência. Sabemos factualmente, através das conjecturas elaboradas suportadas pelas mais diversificadas evidências lógicas e empíricas, que em primeira instância o que impulsiona uma determinada predisposição no sujeito para que este aja voluntariamente, é a admiração intrínseca por alguma estância - de várias ordens ou natureza. Sendo que em correlação estrita com os princípios básicos de identificação que enunciei e que nos permitem conhecer o meio, o sujeito é parcialmente movível graças à sua capacidade de experienciar prazer e evadir-se da dor. Logo, é pertinente inferir, que as nossas acções estão preferencialmente inclinadas pelo prazer que retiramos destas ou da simples cognição que temos de deliberar para as alcançar. Aqui encontramos uma estrita relação entre prazer e interesse, sendo que ambos os agentes se despertam um ao outro, levando-nos a ter um determinado comportamento. Como intermediário e por acréscimo no curso dos estágios psicossomáticos, o sujeito agirá mediante os fins que determinou para se deleitar, usando utensílios ou meios, que serão empregues como utilidade de modo a atingir o objectivo proposto. É curioso, que sendo estes meios associados ao fim desejado, a manifestação do prazer demonstra-se novamente implícita, sendo que e naturalmente, a motivação do individuo será maior do que caso não existisse um propósito pessoal intrínseco ao objectivo a garantir. Mas é necessário assertar, a existência de um sentido e o respectivo progresso onde nos possamos contextualizar cronologicamente e que, acaso ao feedback seja positivo, possa reflectir um investimento valoroso e preservável a curto e longo prazo. Sintetizando toda esta substância inerente às linhas prévias, existem agentes e factores como o interesse, o prazer, o sentido e utilidade, que para encorajar uma determinada acção voluntária, se relacionam mutuamente e nos predispoem a ter um comportamento. Quando somos recompensados positivamente por uma determinada acção alicerçada nos agentes referidos, há um fenómeno ao qual tendemos a chamar realização pessoal e que culmina em plena satisfação.

No entanto, em oposição a este epistema de facto, para além de não facultarmos à criança a possibilidade de escolher segundo aquilo que consegue identificar e considera prazeroso, o sujeito é deste cedo oprimido com uma postura um tanto ou quanto de mestre/servo, em que destituímos radicalmente o aprendiz da sua capacidade de processar raciocínio e demonstrar a sua opinião relativa aos postulados enunciados por outrem, pois, consideramos que este - na condição primitiva de mero aprendiz - não aparenta apresentar qualquer formalização sólida sobre o assunto a apreender. Compreendendo todavia, que as ligações cognitivas e os mecanismos de evolução da memética que conseguimos realizar, se baseiam em projecções de carácter subjectivo que fazemos para percebermos o meio em que nos encontramos, será que é

portanto - e reconhecendo esta condição limitadora -, de todo viável impedir o aluno de vivenciar este processo essencial de forma a chegar às conclusões requeridas?

Não obstante às proposições prévias que indicam como potenciador máximo de uma motivação voluntária o prazer, denota-se óbvio que não nos mexemos apenas porque gostamos de fazer algo. Infelizmente e contrariamente, somos pressionados, coagidos, violentados e coercidos no sentido de irmos de encontro às altas expectativas daqueles que nos querem educar. Mas é preciso elucidar que toda a acção que fuja do campo que confere prazer deverá ser urgentemente erradicada, se queremos garantir efeitos proveitosos tanto para quem ensina, como para quem é ensinado. A longo prazo, agentes como a violência, a coerção ou pressão criam atitudes de resiliência ou resistência que, graças a um mecanismo de defesa do organismo, despontarão em muitos alunos aversão à matéria em causa. Além do mais como consequência, num tipo de ensinamento cingido à coação e consequente obrigação exterior, o estudante apenas irá armazenar uma enorme quantidade de conteúdo na sua memória de trabalho para superar os obstáculos impostos por outrem, já que é pressionado a isso muitas das vezes e não porque ele próprio sente necessidade de se realizar como pessoa. Significando que toda a informação assimilada no decorrer deste tipo de aprendizagem forçosa, será dispersa pelos campos da memória para dificilmente ser lembrado.

É preciso alertar igualmente para aquilo que suscita a nossa motivação a um nível mais passional numa determinada vontade que possamos vir a ter. É claramente do maior interesse dos educandos, que o aluno não queira fazer esforços ausentes de qualquer motivação e desenvolva desinteresse, mas em oposição, que voluntariamente pretenda dedicar-se ao percurso da aprendizagem para seu próprio deleite e na tentativa de sentir utilidade em fazê-lo, de maneira a alcançar à posteriori um resultado que é aprazível para este e não para terceiros - como a família ou professores. Não é de todo a estes que o aluno deve agradar na sua demanda formativa, mas sim a ele próprio como individuo exposto à aprendizagem. Por conseguinte, entendemos o quão fulcral é fazer despoletar no aluno, este interesse natural que o guiará até ao prazer que tanto procuramos em detrimento de o ignorarmos para sustentar alguns prejuízos claramente erróneos. E a meu ver, é sobre a realização pessoal que nos devemos debruçar e trabalhar.

A POTÊNCIA DOS VÍDEO JOGOS, COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL.

Seguindo esta linha de raciocínio, proponho o escrutínio de outros sectores da fenomenologia da aprendizagem, que e a meu ver, tomados em conta, terão um impacto tremendo na forma como o sujeito reage aos vários ensinamentos.

Passo a mencionar um exemplo: a indústria dos jogos de vídeo é uma das mais bem sucedidas que há registo na história. Por ano vendem-se milhões de jogos e o que é realmente interessante é que existe efectivamente uma procura significativa por parte das crianças que

trazem na sua predisposição uma ampla iniciativa. Agora o que é realmente surpreendente, é que a maior parte destas crianças que compram este modo de entretenimento, acabam como uma consequência quase que inevitável da sua susceptibilidade mais permeável, por adquirir vícios que os tornam dependente destes jogos. Denote-se que muitas tenderão a ficar agarradas ao ecrã o maior período de tempo disponível, sendo que tentarão nem dormir. E porque motivo isto acontece? Não seria bom, termos um número semelhante de pessoas ou neste caso de crianças, que decide comprar livros com a matéria escolar apresentada hoje, por iniciativa própria e sem pressão de qualquer entidade autoritária e responsável, como podemos ver no caso dos vídeo jogos? A meu ver, dá-se esta ocorrência como um produto de uma conjuntura de factores e agentes que não aceitamos porque continuamos em total negação. Como referi, a vida processa-se antes de mais, por padrões de identificação que nos permitem compreender o mundo que nos rodeia. Sendo que a maior parte destas crianças já está acostumada com algum do conteúdo dos jogos que compram, por serem bombardeados com desenhos animados que estão sobrecarregados de estímulos visuais e sonoros fáceis de serem passáveis aos minorcas. Depois para além da riqueza em estímulos que estes jogos oferecem, é a simplicidade e a intuição com que estes jogos se desenrolam. Porque ao contrário da escolaridade obrigatória, muitas das empresas de marketing que querem vender estão focadas na forma como as crianças olham para o mundo; qual a fórmula de jogo chave para prender uma criança? O que é que estas gostam de sentir? O que gostariam de ser? O que é que sonham? O resultado será um mundo que é feito para crianças - consequentemente um meio em que elas se querem sentir naturalmente - e não para adultos que se desenvolveram e decidiram optar por estudar certas disciplinas mais específicas, abstractas ou teóricas - sem qualquer conteúdo empírico que possa ser por estas, corroborado a nível sensorial.

CONCLUSÃO:

Vivemos obrigatoriamente no encaço de um paradigma educacional estruturado com contornos extremamente arcaicos que se começou a edificar, quando ainda detínhamos parca informação relativa às várias disciplinas que constituem actualmente os alicerces de uma sociedade com tecnologia cada vez mais avançada e proveitosa. Sendo que o reflexo de toda esta incompetência e marginalidade - envolta num país que precisa urgentemente de contrariar a recessão - relativa ao que expectamos dos nossos estudantes nos dias de hoje, não é nada mais que o produto de uma mentalidade que teima em ignorar os fenómenos mais simples da psicologia, em virtude de uma preconceção cristalizada que não permite a revolução dos sistemas - com base em crenças insustentáveis. Refiro-me por exemplo, ao facto de pressionarmos um determinado sujeito - ignorando toda a sua identidade -, num intento forçoso de cultivar neste, sem qualquer tipo de tolerância, um conhecimento que lhe permita entender os dogmas e doutrinas instituídos que estratificam os sectores topo da nossa sociedade, na tentativa de sustentar a organização do sistema vigente. Entende-se que o aprendiz deve ser instruído com

uma vasta gama de cadeiras como a matemática, a biologia, as línguas, a história, mas abordamos os estudantes com uma metodologia primitiva que incita à agressividade, é inconsequente e ainda se demonstra totalmente desprovida de um senso racional adequado à investigação científica e filosófica actual. Para além desta aproximação extremamente inadequada ao ensino, conseguimos ainda ignorar todo o objectivo deste, que é a formação do individuo em questão. Se empreendemos essa atitude de educar o sujeito como norma máxima que a filosofia da educação possa ter, não poderemos de todo continuar a menosprezar que o individuo é na sua essência um ser, provido de várias estâncias bastantes pessoais relativas à sua experiência que o mobilizam nas suas escolhas e o motivam a revelar uma atitude, em correlação a um comportamento que apoie essas decisões. Escolhas essas que estão direccionadas para além do modelo escolar vigente ou das disciplinas que o constituem. Deve ser urgentemente reflectido na nossa consciência colectiva uma observação atenta para o mundo em que o estudante na sua particularidade e intimidade se encontra - com todos os desejos que este possa demonstrar -, em detrimento de o perspectivarmos sob a montanha dos nossos preconceitos onde culminará assim, a prevalência e a imposição de novas medidas rigorosas, que ousam injectar violentamente informação num colectivo apenas porque este não responde como esperado. Estamos a perder por teimosia, um excedente de potenciais valores que através da sua actividade no âmbito escolar, estão a desmotivar-se e a obter uma ideia totalmente errónea do que é aprender. É exactamente pela ausência de utilidade a curto prazo que o sujeito desprende das lições dadas, que estas medidas são fúteis e por isso extremamente nocivas, dado o ser tão susceptível.

Racionalmente é necessário analisar criticamente toda a conjuntura de factores que está a causar um grande desaproveitamento referente aos nossos estudantes, fazendo-o desprovido de preconceitos insustentáveis e que não encontram suporte na sabedoria científica actual. É preciso deixar de entrar em negação e não culpabilizar terceiros como os encarregados de educação, os professores ou os próprios alunos dada a subsistência constante de anomalias. É de uma extrema importância entender que estes terceiros, são afinal um fruto de um sistema neo-liberal adaptado ao ensino que apesar de subsistir, não deixa de abandonar as pessoas à sorte e à selecção natural – à sobrevivência do mais apto.

Sem muito mais a acrescentar, deixo uma última, mas importante questão; vale a pena continuarmos a desprezar as pessoas em virtude de um sistema que vive para si em detrimento daquele que deveria sustentar? Proponho uma solução em alternativa ao sistema corrente, que gostaria de ver implementada nas escolas, de forma a maximizar o sucesso dos nossos estudantes e conseqüente aproveitamento deste para a melhoria da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Richard Dawkins – O gene egoísta

Aristoteles - Nicômaco

Sigmund Freud – Psicanálise

Jean Piaget – A teoria dos estágios